

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ESCOLAS FILOSÓFICAS DO SÉCULO XX: ORGANIZAÇÃO EM MAPA CONCEITUAL

20TH CENTURY PHILOSOPHICAL SCHOOLS: ORGANIZATION IN CONCEPTUAL MAP

Larissa de Oliveira Bustillos Villafan - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Larissa Silva Costa - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Vania Lisboa da Silveira Guedes - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: este estudo busca contribuir para a construção de uma base de conhecimentos da Ciência da Informação que considere preceitos da Filosofia. Objetiva criar Sistema de Organização do Conhecimento, particularmente mapa conceitual, para representar e organizar os conceitos que definem as escolas filosóficas do século XX. O estudo é bibliográfico, nesse sentido desenvolve buscas na Base de Dados em Ciência da Informação e Google Scholar. Utiliza o *app Freeform* da Apple para organização do mapa conceitual que se apresenta como tentativa de organizar o conhecimento de conceitos e termos associados às escolas filosóficas do século XX.

Palavras-chave: escolas filosóficas; sistema de organização do conhecimento; mapa conceitual.

Abstract: this study seeks to contribute to the construction of a knowledge base for Information Science that considers precepts of Philosophy. It aims to create a Knowledge Organization System, particularly a conceptual map, to represent and organize the concepts that define the philosophical schools of the 20th century. The study is bibliographical, in this sense it develops searches in the Information Science Database and Google Scholar. It uses the Apple Freeform app to organize the conceptual map that presents itself as an attempt to organize the knowledge of concepts and terms associated with the philosophical schools of the 20th century.

Keywords: philosophical schools; knowledge organization system; concept map.

1 INTRODUÇÃO

Hjørland (2005a) apontou o fato de a Ciência da Informação (CI), bem como diversas outras áreas do conhecimento, demonstrar pouco interesse nas bases filosóficas e epistemológicas de sua área. O conceito de Filosofia possui imensa disparidade de significações. Entre as mais constantes, podemos citar a de Platão, que dizia que da mesma forma que de nada “[...] serviria possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não

soubesse utilizar a imortalidade” (Platão, 200, 290 *apud* Abbagnano, 2007, p. 442). Para Platão, fazia-se necessária uma ciência que colocasse o saber e o fazer em confluência, para o benefício do homem, e esta ciência seria a Filosofia. Ao longo do tempo, a Filosofia se firmou como a ciência que investiga a sabedoria e, com ela, procura orientar a conduta da vida e transformar e/ou interpretar o mundo.

A epistemologia, por sua vez, vem de “episteme” e no sentido clássico aristotélico significa o “estudo da natureza do saber científico e de suas estruturas lógico-rationais” (Capurro, 2003, p. 16). Segundo Capurro (2003), o conceito de epistemologia passou a ser entendido em meados do século XX como o estudo dos processos cognitivos, deixando de lado o sentido clássico aristotélico de estudo da natureza do saber científico e de suas estruturas lógico-rationais. A partir de então, o conceito de epistemologia passa a ter um caráter social e pragmático, mas também associado profundamente com as formas como os seres vivos constroem e autocriam suas realidades. Os conceitos de Filosofia e epistemologia, no entanto, não parecem atrair tanto o interesse das diversas áreas do conhecimento, que têm se mostrado pouco interessadas nas bases filosóficas e epistemológicas de seus campos. Na CI, Hjørland (2005a) aponta que recorrentemente é necessário defender o potencial da Filosofia em contribuir para o desenvolvimento da CI, tanto como campo de investigação quanto como área profissional. Segundo o autor, é comum o erro de considerar a Filosofia como campo que trata de teoria e métodos racionais, ao passo que a CI se preocuparia apenas com investigações empíricas específicas. Essa noção cai por terra quando constatamos que a maioria das teorias nos campos específicos é desenvolvida pelo próprio campo, e não importada da Filosofia. Um fator mais pertinente, porém, para justificar a falta de interesse está na própria evolução da história da ciência.

Hjørland (2005b) destaca que, na história da ciência, a Filosofia ocupou um espaço importante apenas até a época de Kant. Após esse período, a autoridade cognitiva dos filósofos foi perdendo relevância ao passo que as ciências foram, aos poucos, tornando-se mais independentes dos preceitos da Filosofia. No século XX, particularmente, ocorreu o advento do positivismo de Comte, o que tornou o espaço da Filosofia ainda mais limitado. Posteriormente, a crise no movimento positivista demandou alternativas que exigiram uma reconsideração da relação entre Filosofia e ciência, trazendo consigo conceitos como hermenêutica e pragmatismo. No entanto, a relevância que o pensamento filosófico tinha até a época de Kant nunca retornou em sua antiga forma.

Ainda no que tange ao século XX, Robredo (2007) discorre que esse século deixou legado, por exemplo, nas esferas científica, sociopolítica, socioeconômica, na arte e na cultura. Destaca-se aqui que na esfera científica o legado foi refletido em diversas áreas, tais como: “Biologia, medicina, saúde, psiquiatria [...] Matemática, ciência da computação [...] Física e química [...] Estudo do cosmos [...]” (Robredo, 2007, p. 45). No decorrer da evolução da humanidade, houve transformação em diversos âmbitos e não é diferente na ciência. As pesquisas, as descobertas e os questionamentos, por exemplo, contribuem para o progresso da ciência e do conhecimento científico em contexto mundial, e a ciência tem o potencial de aprimorar a sociedade e de lapidar aquilo que já possui existência (Academia Brasileira de Ciências, 2022; Santos; Rosa, 2020). A conjuntura atual da CI, no entanto, urge por uma base de conhecimentos aprimorada, e muito se beneficiaria em considerar a base teórica e filosófica do campo. Há, no entanto, uma escassez de trabalhos para construir essa base, o que torna necessário novas contribuições de seus pesquisadores. Este estudo surge, então, na esteira da preocupação inicial colocada por Hjørland, e busca contribuir para a construção de uma base de conhecimentos da CI que considere preceitos da Filosofia.

Para isso, busca-se criar um Sistema de Organização do Conhecimento (SOC), na forma de mapa conceitual, para organizar a associação dos conceitos presentes das correntes filosóficas do século XX. Nesta perspectiva, acreditamos que a busca da elucidação de tais associações conceituais justifica o tema do presente estudo como um caminho inicial para pesquisadores que estejam iniciando a pesquisa sobre Filosofia no contexto da CI.

2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E MAPA CONCEITUAL

A Organização do Conhecimento (OC) é conceituada por Araújo, Guimarães e Tennis (2021, p. 2) como “[...] o campo de estudo que se preocupa com a natureza e a qualidade do processo de organização e representação do conhecimento [...]”. A OC está diretamente ligada ao desenvolvimento da Biblioteconomia e da CI, sendo compreendida como a área que se preocupa com o desenvolvimento de sistemas de classificação e indexação em bibliotecas, bibliografias e bancos de dados eletrônicos (Hjørland, 2003).

Nesse contexto, são desenvolvidos mecanismos para representar o conhecimento, sendo estes denominados SOC. Carlan (2010) define os SOC como ferramentas que traduzem o conteúdo original de um documento para uma estrutura sistemática que o representa com a finalidade de organizar a informação e o conhecimento e, conseqüentemente, propiciar a

recuperação facilitada das informações. Dentre os SOC disponíveis, os mapas conceituais são de interesse deste estudo. Segundo Novak e Gowin (1984), um mapa conceitual é uma representação gráfica que evidencia relações entre conceitos, apresentando uma estrutura hierárquica que organiza e representa o conhecimento.

Para Novak e Gowin (1984), os mapas surgem como uma atividade mediadora eficaz para praticar o pensamento reflexivo, que implica fazer algo de forma controlada, manuseando os conceitos, juntando-os e separando-os quando parece pertinente. Uma vez que os mapas conceituais consistem em uma representação clara e manifesta dos conceitos e das proposições que uma pessoa dispõe, ele também acaba por facilitar a troca de experiências entre pesquisadores a respeito de determinadas ligações preposicionais, possibilitando a identificação de novas conexões (Novak; Gowin, 1984).

Segundo Thellefsen (2004), traduzida por Lima (2011), o início da elaboração de um mapa conceitual se dá a partir da designação do perfil de conhecimento do domínio que se quer mapear. Para estabelecer um perfil de conhecimento de um domínio sugere-se, em primeiro lugar, estabelecer o conceito mais geral do domínio, sendo este conceito também denominado como “signo fundamental”, isto é, ideia central de um domínio de conhecimento. O signo fundamental é o centro da terminologia de um domínio e todos os outros termos do domínio só serão passíveis de entendimento quando relacionados ao signo fundamental.

Faz-se necessário, então, ter conhecimento sobre a base epistemológica do domínio, isto é, “[...] a maneira como se desenvolvem seus conceitos e teorias, seus objetos de pesquisa e os domínios correlatos, a partir de um signo fundamental, além de estabelecer as categorias, isto é, conceitos elementares” (Lima, 2011, p. 336). Nesse contexto, a utilização dos mapas conceituais possibilita que conteúdos, de determinado domínio do conhecimento, que apresentam complexidade sejam representados de uma maneira que facilite o entendimento do conteúdo pelos usuários (Maculan; Mesquita, 2023).

3 METODOLOGIA

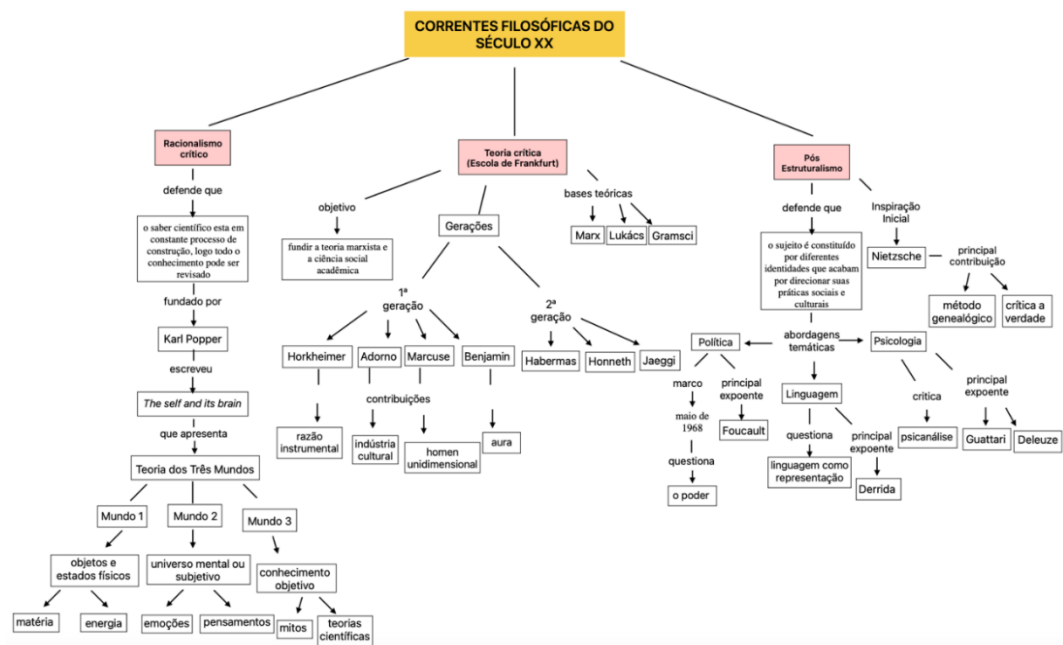
O presente estudo é de natureza bibliográfica e nesse sentido foram realizadas buscas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e Google Scholar sem aplicação de recorte de tempo. Para a composição da amostra de pesquisa, foi delineada uma estratégia de busca a partir da combinação dos termos “epistemologia”, “filosofia”, “Sistemas de Organização do Conhecimento” e “Ciência da Informação”. Além disso, este estudo é fruto de

uma adaptação realizada em trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina da “Epistemologia da Ciência da Informação” do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, à época, em convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sendo assim, também foram selecionados textos presentes na ementa da referida disciplina, selecionando-se apenas os textos considerados alinhados com a proposta do presente estudo, para o embasamento epistemológico e empírico. Para elaboração do mapa conceitual, utilizou-se o *software Freeform¹* da Apple.

4 RESULTADOS

O mapa conceitual das correntes filosóficas do século XX é apresentado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Mapa Conceitual das correntes filosóficas do século XX



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.

A seguir discorre-se sobre as correntes filosóficas do século XX representadas e organizadas na Figura 1.

4.1 Teoria crítica (Escola de Frankfurt)

¹ Disponível em: <https://apps.apple.com/br/app/freeform/id6443742539>.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Na década de 20, no Instituto para a Pesquisa Social (Alemanha), um grupo de intelectuais se reuniu em uma tentativa de revitalizar o pensamento de Marx, buscando superar suas limitações teóricas e metodológicas para empregá-lo de modo produtivo no século XX. De acordo com Honneth (1999), a teoria crítica teve como objetivo o desenvolvimento de uma teoria materialista da sociedade por meio da utilização sistemática de todas as disciplinas de pesquisa da ciência social. Havia, dessa forma, uma proposta de fundir a teoria marxista e a ciência social acadêmica (Honneth, 1999, p. 505).

O plano do projeto de criação de um marxismo interdisciplinar foi levado a frente por duas gerações da Escola de Frankfurt. A primeira geração contou com intelectuais como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse, sendo esta a geração que desenvolveu as bases teóricas e metodológicas (e até espaciais) para a aplicação da teoria. A segunda geração foi constituída por pensadores como Jürgen Habermas, Axel Honneth e Rahel Jaeggi, para citar alguns. Segundo Rüdiger (1999), a teoria crítica pode ser dividida em três períodos: (i) Primeiro período: anos iniciais, tentativa de instituir um marxismo interdisciplinar, onde o aporte legado por Marx se funde à metodologia científica; (ii) Segundo período (1940-1951): as questões relativas a proposta inicial passa a ser vistas sob a ótica da “crítica da razão moderna” e (iii) Terceiro período: retomada dos objetivos iniciais de uma “ciência social crítica”.

Na CI, Bezerra (2020) é um dos primeiros pesquisadores a introduzir aos estudos brasileiros a Teoria Crítica da Informação, que se fundamenta na Teoria Crítica para desenvolver uma proposta de intercessão entre os fundamentos teórico-metodológicos da teoria crítica frankfurtiana a dois conceitos centrais da CI: (i) o regime de informação, entendido como recurso interpretativo para compreender as relações entre política, informação e poder e (ii) a competência crítica em informação, que incorpora contribuições da pedagogia de Paulo Freire para reforçar a avaliação crítica e o uso ético da informação (Bezerra, 2020).

Em sua proposta metodológica, é uma teoria que busca propor diagnósticos interdisciplinares que foquem no ambiente informacional e nas perspectivas relacionadas à “produção, circulação, mediação, organização, recuperação e acessibilidade da informação, identificando tanto as potencialidades quanto as contradições e os entraves à liberdade e à autonomia informacional” (Bezerra, 2020, p. 185). Dessa forma, sua práxis é voltada à ampliação da autonomia e da liberdade dos indivíduos, no ecossistema informacional

contemporâneo, especialmente em contextos de desinformação, mediação algorítmica, vigilância digital e ataques à privacidade. A adaptação dos pilares da teoria crítica abrange: (i) compreender por que as coisas são como são, (ii) identificar os obstáculos que impedem que sejam melhores e agir para superá-los e (iii) transformar a realidade (Bezerra, 2020).

4.2 Racionalismo crítico

O racionalismo crítico é o sistema filosófico proposto por Karl Popper em meados de 1972. Para Popper, todo o conhecimento pode ser revisado e refutado, pois é falível e corrigível. Ele entende que o saber científico é o resultado de um constante processo de construção, não se limitando a ser apenas um conjunto de dados empíricos que, uma vez descoberto, permanecem em estados inertes. É uma teoria cuja refutabilidade demarca a “ciência da não ciência”, sendo esta uma postura que, através da crítica constante, incentiva o aprimoramento do conhecimento científico (Silveira, 1996).

Em parceria com John Eccles (prêmio Nobel de Neurofisiologia), Popper escreveu a obra *The self and Its Brain* (1987), onde desenvolveu a teoria dos três mundos, sendo eles: (i) Mundo 1: composto pelos objetos e estados físicos. Fazem parte deste mundo a matéria, a energia, os seres vivos e todos os artefatos construídos pelo homem; (ii) Mundo 2: refere-se ao mundo mental ou subjetivo, compreendendo pensamentos, emoções, percepções e estados de consciência. É a dimensão da experiência individual; (iii) Mundo 3: formado pelos conteúdos de pensamento ou pelo conhecimento objetivo. Nesse mundo, encontra-se a cultura humana (as histórias, os mitos, as teorias científicas ou não, os argumentos críticos, as matemáticas etc.) (Silveira, 1996).

Nessa perspectiva, é interessante destacar a proposta de Karl Popper e sua convergência com a CI. Matos (2022, p. 465) parte do pressuposto que “[...] a ciência da informação é um campo que visa a organização, o aperfeiçoamento e a melhor interação humana com o mundo 3 [de Popper]” e, portanto, os sistemas utilizados para organizar o conhecimento ou para recuperar informações, por exemplo, referem-se a “[...] realizações que visam o controle racional das entidades do mundo 3”. Nesse sentido, busca a expansão, isto é, a expansão “[...] do próprio conhecimento objetivo, que envolve a ciência em seus diversos campos [...]” (Matos, 2022, p. 465), mas, também objetiva “[...] a promoção de valores como a liberdade, a ampliação da discussão crítica, a justiça e a igualdade” (Matos, 2022, p. 465).

Além disso, Brookes (1980, p. 128), ao refletir sobre o Mundo 3 de Popper, propõe a recomendação desse Mundo para bibliotecários e cientistas da informação, pois, pela primeira vez, esse Mundo fornece “[...] uma justificativa para as suas atividades profissionais que pode ser expressa em termos que não sejam puramente práticos”. Nessa perspectiva, o trabalho de bibliotecários e de cientistas da informação está pautado em coletar e organizar “[...] os registros do Mundo 3. E a tarefa teórica é estudar as interações entre os Mundos 2 e 3, descrevê-las e explicá-las, se possível, e assim ajudar a organizar o conhecimento, em vez de documentos, para um uso mais eficaz” (Brookes, 1980, p. 128).

4.3 Pós-Estruturalismo

O pós-estruturalismo é uma abordagem de investigação filosófica que surgiu como uma tentativa de superar as concepções teóricas do estruturalismo, fazendo oposição e interrogando as bases estruturais e a pretensões científicas erguidas anteriormente por esta corrente. Segundo Peters (2000), o pós-estruturalismo teceu críticas à metafísica subjacente ao estruturalismo, mas, ao mesmo tempo, manteve os principais elementos da crítica que o estruturalismo fazia ao sujeito humanista. A perspectiva pós-estruturalista entende que o sujeito é constituído por diferentes identidades que acabam por delimitar e direcionar suas práticas sociais e culturais, sendo elas discursivas ou não discursivas (Casali; Gonçalves, 2018). É uma abordagem que leva à luz a questão da subjetividade humana, que não era pensada antes, e como o sujeito afetado por essa subjetividade é capaz de produzir.

Diferentemente de outras abordagens do século XX, o pós-estruturalismo procura não impor valores comuns únicos, evitando estigmatizar as coisas unicamente como “boas” ou “ruins”, “certo” e “errado”. Isso é possível graças a inspiração inicial em Friedrich Nietzsche, que contestou a origem, a unicidade e a estabilidade do conceito de verdade. Os autores referenciais para este movimento são: Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e, principalmente, Michel Foucault.

Na CI, o pós-estruturalismo surge como importante corrente para repensar certos padrões do campo. Para Day (2005), a noção de informação desenvolvida pela CI é limitada, e não considera de forma adequada a construção e produção do conceito. Nesse sentido, o pós-estruturalismo, ao questionar premissas metafísicas do positivismo e do estruturalismo, considera nas reflexões sobre informação “[...] compreensões, mais antigas, de conhecimento, informação e linguagem, como aquelas baseadas no afeto e nos eventos” (Day,

2005, p. 577). Day (2005) acrescenta que a retomada das reflexões sobre esses conceitos apresenta um desafio às premissas metafísicas e epistemológicas que têm dominado a CI. Dessa forma, a ação do pós-estruturalismo faz com que pesquisadores, no contexto da CI, reflitam sobre seus modelos, abrindo, assim, espaço para novas concepções acerca do conceito de informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa deste estudo se deu a partir de algumas observações feitas por Hjørland no artigo *Library and information science and the philosophy of Science*, de 2005. Na ocasião de tal pesquisa, Hjørland apontou para a falta de interesse da CI nas bases filosóficas e epistemológicas de sua área, e argumentou que o contexto atual da CI, no entanto, demanda que tais bases sejam reconsideradas. Movido pela inquietação de Hjørland, o presente estudo propôs-se a elaborar um SOC, na forma de mapa conceitual, para organizar a associação dos conceitos presentes em algumas das correntes filosóficas do século XX. Com o mapa conceitual, apresenta-se uma estrutura visual e sistemática que explicitou algumas das correntes filosóficas presentes no século XX (racionalismo crítico, teoria crítica e pós-estruturalismo), manifestando seus conceitos e algumas de suas associações preposicionais e possibilitando desde então a identificação de novas conexões.

Por fim, o mapa conceitual desenvolvido aqui apresenta-se como uma tentativa inicial de facilitar o entendimento acerca de alguns conceitos e associações presentes da área da Filosofia. Espera-se que este esforço inicial tenha continuidade e que, em conjunto com outras iniciativas, possa contribuir para novas reflexões e, possivelmente, para a construção de uma base de diálogo mais integrado entre Filosofia e CI

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Ciência para uma sociedade melhor**. Rio de Janeiro, 2022.

ARAÚJO, P. C.; GUIMARÃES, J. A. C.; TENNIS, J. T. A concepção de epistemologia da organização do conhecimento. **Palavra Clave**, La Plata, v. 10, n. 2, p. 1-16, abr./set. 2021.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

BEZERRA, A. C. Da teoria matemática para uma proposta de teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 182-201, 2020.

BROOKES, B. C. The foundations of information science. Part I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, [s. l.], v. 2, n. 3-4, p. 125-133, 1980.

CAPURRO, R. Epistemología y ciencia de la información. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: ANCIB, 2003.

CARLAN, E. **Sistemas de Organização do Conhecimento**: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. Orientadora: Marisa Bräscher Basílio Medeiros. 2010. 195f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CASALI, J. P.; GONÇALVES, J. P. Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão** – REDD, Sorocaba, SP, v. 10, n. 2, p. 84-92, 2018.

DAY, R. E. Poststructuralism and information studies. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s. l.], v. 39, p. 575-609, 2005.

HJØRLAND, B. Empiricism, rationalism and positivism in library and information science. **Journal of Documentation**, Londres, v. 61, n. 1, p. 130-152, 2005b.

HJØRLAND, B. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJØRLAND, B. Library and Information Science and the philosophy of science. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 61, n. 1, p. 5-10, 2005a.

HONNETH, A. Teoria crítica. *In*: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

LIMA, V. M. A. Mapa conceitual e terminológico para a Ciência da Informação: um estudo exploratório para sua elaboração. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais [...]** Brasília: ANCIB, 2011. p. 333-351.

MACULAN, B. C. M. S.; MESQUITA, M. S. L. Modelagem de domínios em mapas conceituais: contribuições de Dahlberg. **Fronteiras da Representação do Conhecimento**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 178-200, 2023.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MATOS, J. C. Informação no 'mundo 3' de Popper: epistemologia do conhecimento objetivo e ciência da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 463-481, 2022.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B. **Learning how to learn**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROBREDO, J. Filosofia da Ciência da Informação ou Ciência da Informação e Filosofia? *In*: TOUTAIN, L. M. B. B. (org.). **Para Entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 35-74.

SANTOS, D. S.; ROSA, F. G. M. G. A evolução do conhecimento científico e sua disseminação: contribuições do Movimento de Acesso Aberto e da ciência aberta para a sociedade. *In*: CHATES, T. (org.). **A ciência no Brasil contemporâneo: os desafios da popularização científica**. [S. l.]: Paco Editorial, 2020.

SILVEIRA, F. L. A filosofia da ciência de Karl Popper: o racionalismo. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 197-218, 1996.

SILVEIRARÜDIGER, F. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**: Adorno e a Escola de Frankfurt. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 262 p.

THELLEFSEN, T. Knowledge profile: the basis for knowledge organization. **Library Trends**, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 507-514, 2004.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.